

Tema também para potências

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Os ministros de finanças dos sete países mais industrializados do bloco ocidental, que se reúnem a partir de hoje em Paris para decidir medidas visando a manter a estabilidade do dólar, não poderão deixar de tratar de outra crise que também constitui “uma grave ameaça para a solidez do aparelho financeiro e bancário do mundo: a suspensão de pagamentos pelo Brasil”.

Essa é a opinião de vários analistas econômicos, segundo revelou ontem, em editorial, o vespertino *Le Monde*. Mais adiante, o mesmo editorial afirma que a cena monetária e financeira internacional tem sido dominada por iniciativas de James Baker, secretário de Estado do Tesouro norte-americano, autor do plano que objetiva convencer os grandes bancos a emprestar mais aos países endividados.

Ele está entre os que acreditam que esses países podem enfrentar o problema de suas dívidas somente com a ajuda de novos emprésti-

mos, mas o cerne do problema é outro: a estratégia do Fundo Monetário consiste em obter, com programas de austeridade, que as nações devedoras consigam importantes excedentes de divisas. Simultaneamente, permitiu-se a deterioração da situação interna desses países, sendo que no caso do Brasil “a imperícia dos governantes incumbiu-se do resto”, acrescenta o jornal.

Ainda ontem, os meios financeiros europeus não se mostravam surpresos com as informações de que o Brasil estava decretando a suspensão temporária dos pagamentos. Até o início da noite, nenhum dos bancos franceses havia recebido qualquer comunicação oficial das autoridades brasileiras.

De maneira geral, os banqueiros de Paris procuravam tirar a dramaticidade da situação lembrando que essa não é uma boa coisa para o Brasil, mas perguntavam: “O que fazer?”. Eles consideram que uma “moratória técnica” por três meses é ainda suportável, mas as coisas poderão se complicar ainda mais se o prazo tiver de ser ampliado.